

Declaração – 3 de Novembro 2021 – Assembleia da República – Manifesto em defesa da Cultura

Boa tarde a todos! O que nos traz aqui é a necessidade de defender a Cultura, de defender quem trabalha com Cultura, quem trabalha com o Património Cultural, com a Arqueologia. É preciso dar uma resposta a estes trabalhadores, uma resposta que garanta o trabalho digno e estável, que combata a precariedade, extremamente comum no setor da Arqueologia. Aliás lembro mais uma vez que por conta dos falsos recibos verdes há muitos trabalhadores de Arqueologia que recebem menos do que o salário mínimo nacional pelo seu trabalho! Além disto, estes trabalhadores permanecem sem qualquer perspetiva de futuro, vivendo sem conseguir planear a sua vida, e apenas contando com a certeza de mais um mês ou outro de trabalho. É urgente combater esta forma brutal de exploração, que recai sobre os trabalhadores, com especial incidência nos mais jovens. Bem sabemos que antes de mais é preciso vontade política para combater de facto os vínculos precários, os falsos recibos verdes! Lembro que quando se tratava do PRR, muito se falou do combate à precariedade, mas é necessário um combate de facto a esta precariedade!

Por outro lado, continua-se com a saga das poucas contratações de profissionais para o setor público. É preciso um reforço de pessoal para a DGPC, para as DRC, para os museus, mas um reforço efetivo e justo com trabalhadores com vínculos estáveis, que estejam nos quadros. Infelizmente, algumas das contratações feitas recentemente não vão neste caminho justo e desejável, recorrem a contratos a termo, quando sabemos que aqueles postos de trabalhos são para necessidades permanentes. Além disto, há trabalhadores que foram contratados, como resultado da luta dos arqueólogos, mas que até hoje, anos depois, não tem a sua mobilidade consolidada, por conta da falta de vontade do ministério das Finanças. Semelhante é o caso dos trabalhadores precários integrados através do Prevpap, que até hoje esperam que o seu lugar na carreira, fruto de anos de trabalho, seja reconhecido.

É realmente necessária uma política de valorização dos trabalhadores, que é indissociável de um real investimento do Estado na Cultura, e, particularmente na Arqueologia! O caminho que tem sido tomado, apesar de um propalado combate à precariedade, ainda a aprofunda em vários aspetos. Um exemplo é o programa Ciência

no Património que tem como objetivo a atribuição de dezenas de bolsas de doutoramento, e alguns contratos com termo para doutorados, na área do Património Cultural. Não é um problema que se invista na investigação, o problema é que deveriam ser lançados concursos para trabalhadores com vínculo público, e não recorrer à utilização de bolseiros para colmatar a falta de trabalhadores nas instituições públicas que cuidam do Património Arqueológico.

A tudo isto se soma a ausência de uma política clara e estruturante para a Arqueologia, as instituições do Estado que salvaguardam e cuidam do Património não conseguem cumprir a sua missão, falta gente, faltam meios, mas igualmente falta uma visão. Não é o conjunto de ações pontuais que colmata os problemas estruturais que prejudicam os trabalhadores do Património e o próprio património arqueológico. Apesar da criação de um grupo para a estratégia nacional de arqueologia, é fundamental que a mesma seja fruto do diálogo com a comunidade arqueológica, com as associações, com o sindicato, mas igualmente com a comunidade em seu todo.

É preciso que a Arqueologia não se resuma à arqueologia das obras, que haja mais projetos de valorização e de investigação, que haja um investimento na democratização deste conhecimento e do acesso aos bens arqueológicos para toda a população. Neste sentido, o investimento do Estado é fundamental. É muito importante que exista a Arqueologia de Salvaguarda, mas não pode ser esta a única! É fundamental que existam políticas que permitam à população ter o acesso e a fruição ao Património Arqueológico.

Não há política de Património e de Cultura calcada na precariedade e na falta de investimento. Temos que valorizar os trabalhadores, as carreiras, os salários, reconhecer a progressão daqueles que trabalham dia a dia, ano a ano! Lutar para que quem trabalhe tenha futuro, possa planear a sua vida, e não navegar a vista a espera de uma qualquer boia para se salvar.

É por isto que aqui estamos, pela Cultura, pelos Trabalhadores da Cultura, da Arqueologia!

A luta continua!